



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

## AQUELE SENHOR MOÍNH0

Por LAURA CHAVES

Aquele senhor moínho,  
lá na serra, exposto ao vento,  
com seu casaco branquinho  
e o carapuço cinzento,

tinha os braços muito abertos  
sempre a girar, a girar,  
uns olhinhos muito espertos...  
Passava a vida a cantar...



Quando avistava o burrinho  
que a subir a serra vinha,  
logo cantava o moínho:  
— «Vou fazer minha farinha  
porque todo aquele grão  
meus braços hão-de moer.  
Tôda a gente vai ter pão  
e alegria em seu viver.»

Certo dia, um pòbrezinho,  
dos de bordão e sacola,  
subiu até ao moínho  
e pediu pão por esmola.  
O moínho ouviu, pasmado,  
a resposta do moleiro:  
— «Você, está mal enganado,  
vá comprar pão ao padeiro.»

(Continua na pág. 3)

# FALAM OS ANIMAIS

Por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA

**M**EIO dia. Na capoeira, um galo pretencioso cantou, galinhas cacarejaram, patos grassaram, ouviram-se *glus-glus* de perús, e os porcos da possilga grunhiram. Era o sinal anunciando o descanso dos trabalhadores da quinta. Aquele hora os bichos podiam, à sua vontade, conversar uns com os outros.

Em cima do poleiro, inclinado para o monte de palha onde as senhoras galinhas e os meninos pintos depenicavam, o galo olhou-os com o seu olho redondo e disse, com ar autoritário:

— «O homem é, na verdade, um ser inferior. Basta dizer-se que, quando quer fazer vista, só o consegue comparando-se aos animais. Nós somos um exemplo para ele. Muitas vezes ouço a caseira dizer ao marido: — E's um burro! — e logo ele lhe responde: — E tu, uma galinha! — Isto devem ser elogios que fazem um ao outro».

O burro, lá da arribana, ouviu o discurso e zurrrou, contente, orgulhoso, por se ver comparado à gente e as galinhas bateram as asas, muito teleuronas por serem tal qual a senhora caseira. Nisto, chegaram os patos e gansos e um dos patatecos tomou a palavra:

— «Também ouvi, certo dia, o moço de lavoura dizer para um garoto: — «Caíste como um pato!»

E fez um *cuá-cuá* importante, que queria dizer: — «Sou falado na língua dos homens!»

O ganso, com os seus gritos estridentes, afirmou que, na ribeira, uma mulher segredára à outra: — «A Prazeres não é nenhuma águia! Julgo que às águias não chegam elas! Não admira! Quem chega àqueas alturas?» — e deu um berro tão agudo, que acordou o resto da bicharia.

O perú exclamou:

— «A filha da caseira, dizem eles que que é uma verdadeira pèga — um passarolo que vive nos pinhais — e o namorado, quando ela canta, chama-lhe rouxinol, aquele pássaro que canta, à noite, à beira do rio.

Da possilga, um porco grunhiu: — «No mercado, donde me trouxe o patrão, vi uma mulher dar palmadas num rapazelho, enquanto dizia: — «E's um grande porco! — Lá porque lhe chamava grande, não sei, que o moço era bem pequeno, agora, porco, seria por ser bonito!» — E o bácoro deu um grunhido de satisfação.

O galo, que não admitia que os outros, falassem, tomou outra vez a palavra:

— «E' preciso pen-



sarmos que fomos nós que tornamos o homem nosso escravo. Não é ele que nos alimenta? Que nos recolhe? Para nós semeia o milho, o centeio e várias comidas gostosas. A nossa vida é só comer e dormir. Ele farta-se de trabalhar para nós.»

Então, toda a capoeira se escangalhou a rir.

As galinhas até vomitaram as sêneas e uma minhoca saiu pelo bicanço dum pato.

— «O ideal do homem — (tornou o galo, animado) — é fazer tudo à nossa moda: quereria ser bravo como um leão — o bicho mais terrível das selvas. — Quereria ser ágil como um coelho...»

— «Isso fia mais fino!» — exclamou um coelhinho, à porta da coelheira.

O boi, que ruminava a sua erva, respondeu, da arribana:

— «Escusa também de pensar em ter a nossa paciência e a nossa força!»

Sentencioso, o galo acrescentou:

— «Enfim, são eles que, sempre escravos dos animais, dependem de nós! E quando macaqueiam os nossos gestos! Um dia, passou aqui na estrada um regimento. O homem que ia à frente, tocava um clarim, querendo imitar o meu canto, a anunciar a chegada do sol, os outros que o seguiam eram tal qual os nossos companheiros gansos, atrás uns

(Continua na página 6)



# LENDA MARAVILHOSA

Por MANUEL FERREIRA

**D**E Ceuta, onde se portara bravamente, havia regressado o Infante D. Henrique.

Ainda vestido com as suas armas, percorria o Infante a beira-mar, mais encantado do que nunca.

Caminhava absorto em seus pensamentos, rosto grave, olhar de água perdido no espaço.

Junto do oceano de ondas encapela-das, sentou-se num rochedo. Uma nuvem desaparecia no horizonte.

Embalado pelo murmúrio das vagas, ali se ficou, interrogando o Destino:

— «Que haverá para além de ti, Mar Tenebroso? Dizem velhas lendas árabes que tu és, lá para longe, escuridão e horror. Mas eu vejo-te lindo, mar imenso, e não te julgo capaz de devorar as caravelas. Quem sabe se no mar estará o futuro da minha Raça?!...»

O Infante adormeceu. E um sonho que teve, deu resposta à sua pergunta.

Da água saiu um génio. Acercou-se da praia e, dirigindo-se ao Infante, disse-lhe:

— «Segue-me, Henrique, para veres o que é o Mar. No seu palácio, Neptuno espera por ti. Anda, cavaleiro...»

O Infante e o génio desapareceram no mar. Andaram durante muito tempo.

Via-se, agora, o palácio, todo em pérolas e conchas multicores. Pedras preciosas das mais lindas decoravam as finas colunatas de pórfiro.

Rindo, disse o génio ao Infante:

— «Entra. Este palácio é como se fosse teu.»

O Infante assim fez. Ante seus olhos

tinha uma sala maravilhosa onde se via toda a grandeza das terras descobertas com gentes de todas as raças e costumes; rios de ouro e pedraria; florestas de pimenta e canela; minas de diamantes; paisagens lindas; feras; animais pesadíssimos como o elefante e graciosíssimos como a ave do paraizo.

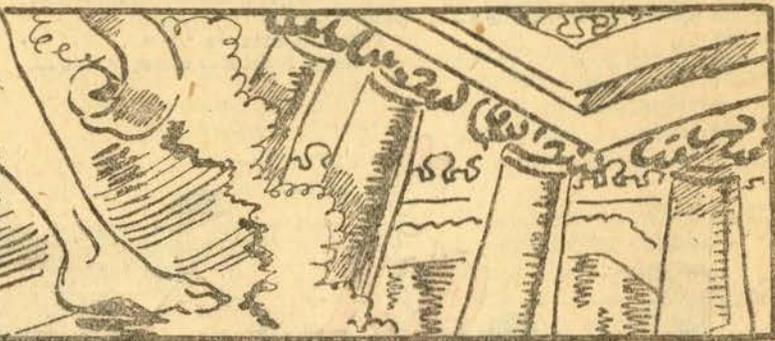
Os rios cantavam lendas. Vultos investiam contra fortalezas e elas caíam a seus pés.

Maravilhado, o Infante D. Henrique pôs as mãos e disse:

— «Bendito seja Deus! Não pensava que para lá do mar houvesse tanta beleza.»

Então, o génio sorriu-se, dizendo-lhe: — «Sou o génio da Raça. Tudo isto pode ser teu. Para lá da tempestade, está a bonança. Para além da bonança, vê-se um grande Império.»

Nisto, o Infante acordou. Abandonou a corte. Naquele rochedo de Sagres, fundou uma escola de mareantes e, dentro em pouco, começaram a atravessar as ondas as primeiras caravelas à sombra da cruz de Cristo.



## AQUELE SENHOR MOINHO (Continuação da página 1)

Pôs-se o moínho a pensar: — «Pois há gente que não come?... De que serve trabalhar se morrem pobres à fome?...»

A desilusão foi tanta que a partir dessa má hora, o moínho já não canta, chora, chora, chora, chora!

Pobre moínho inocente que, coitado, não sabia que a maior parte da gente não tem pão nem alegria,

## ANEDOTAS

Por MANECAS SILVA

A esposa ao marido:

— «Mas, queridinha, porque dormes de óculos?»

— «É porque, sendo tão míope, tenho sonhado com várias pessoas sem poder reconhecê-las.»

— «O meu médico proibiu-me de tomar água!»

— «Mas porquê?»

— «Para não enferrujar a minha saúde de ferro.»

A esposa do doente, aflita:

— «Doutor, que tem meu marido? É grave?»

— «Calma, minha senhora. A autópsia nos dirá.»



# o senhor Lucas

Por ISABEL AREOSA

O senhor Lucas quando abria a boca ou entrava mósca ou sala asneira. Quando ia ao café, servia de bôbo e havia muito quem lá fôsse só para se divertir a ouvi-lo.

Uma noite, estava êle numa roda de amigos e um dêles dizia para os outros:

— «Se um combóio gigantesco e duma força irresistível, encontrasse uma montanha inamovível, o que sucederia?».

— «Ora — disse um — se fôsse uma força irresistível, deitava a montanha abaixo.»

— «Não pode ser, porque, como te disse, trata-se duma montanha inamovível.»

— «E' um problema interessante.» — disse outro.

— Não sei, de facto, o que poderia

sucedder... — (disse ainda um tercelro). São duas forças equivalentes.»

Então, o senhor Lucas, muito espevitado, deitou a luz da sua sabedoria e alvitrou:

— «O que sucedia, naturalmente, é que se teria de recorrer à arbitragem...»

Foi uma gargalhada geral.

Daí a bocado, o senhor Lucas olhou para o lado e viu, sentado a uma mesa, um amigo com uma fôlha de papel na frente, segurando a caneta com o bico do aparo para o ar e fitando, pensativamente, o tecto.

— «Em que pensa o meu amigo?» — perguntou-lhe.

— «Em que tenho de escrever ao meu advogado mas não sei a sua nova morada.»

— «Ora essa — (aconselhou prontamente o senhor Lucas) — escreva-lhe a pedir-lha!»

Tudo que dizia era assim...

O amigo Felisberto começou, depois,



a contar a história dum tio que tinha emigrado para a América muito pobre e voltára rico e referia-se a êle nestes termos:

«Imagem vocês que êste meu tio, quando foi para a América, levava um par de botas rôtas e agora tem cinco milhões...»

O senhor Lucas inquiriu logo:

— «E para que quere êle, agora, cinco milhões de botas rôtas?!»

Foi uma risota, porque, como os meus meninos não-de compreender, êle queria referir-se a cinco milhões em dinheiro e, como isto era na América, deviam portanto ser cinco milhões de dólares...

Os amigos continuaram a falar e, desta vez, o amigo Felisberto falou na sua viagem à Holanda.

— «Já lá estive» —

(Continua na página 8)





# BRINQUEDOS

Por AUGUSTO de SANTA-RITA

O Mário, menino pobre, com olhos côr do céu, do céu azul que no cobre, tinha um aspecto plebeu mas um espírito nobre.

Ficava-se tempo infindo espriando a sua vista, sempre enlevado, sorrindo, por tudo. Tudo era lindo para o seu olhar de Artista.

Nunca tivera «bonitos» dos que se vêem na montra dos bazares: — soldaditos, comboios, piões, apitos, ursos de feltro ou de lontra.

Como êle, o seu companheiro de brincadeiras, o Alfredo não tinha, também, dinheiro nem para o mais corriqueiro, o mais modesto brinquedo.

Que pena — (às vezes dizia) — não haver nascido rico como êsse que, às vezes, via, numa bela moradia, chamado menino Chico

que tinha uma bicicleta, uma espingarda e um bumbo, caixa de tintas, paleta, uma espada, uma cornêta e soldadinhos de chumbo.



Certo dia, em que passava seu décimo aniversário, o pobre Alfredo chorava e disto se lamentava ao seu amiguinho Mário:

Então, êste, sorridente, diz-lhe, puxando-o p'la mão: — «Ri, quero ver-te contente!... Vou dar-te um rico presente, mil brinquedos, um milhão!»

E enquanto o pequeno Alfredo o olhava pasmado, o amigo tornava expansivo e ledo: — «Vou dar-te tanto brinquedo!... Acredita; vem comigo!...»

Maquinalmente guiado pela mãozinha do amigo, o pobre Alfredo — coitado — olhando-o desconfiado e achando extraordinário

o gesto louco do amigo, timidamente se expande, como falando consigo: — «Estás brincando comigo ou saíu-te a sorte grande?»

— «Falo sério. Pára aqui e olha bem para acolá, para além, ali, ali!...» diz-lhe o Mário que sorri e quatro pulinhos dá,

— «Repara na tua frente, naqueles homens... concorda, dize, dize, francamente, se não são, exactamente, como os bonecos de corda?!»

Estas casas, que além estão, no tôpo destas colinas, faze de conta que são, como as vemos, pequeninas e pintadas em cartão.

Vê!... São, sem pôr nem tirar, como um brinquedo qualquer. São nossas. O nosso olhar pode com elas brincar sempre que a gente quizer,

E além, aquele barquinho, naquela nesga de mar, que se vê dêste cantinho, dize: — não é igualzinho ao que estava no Bazar?!

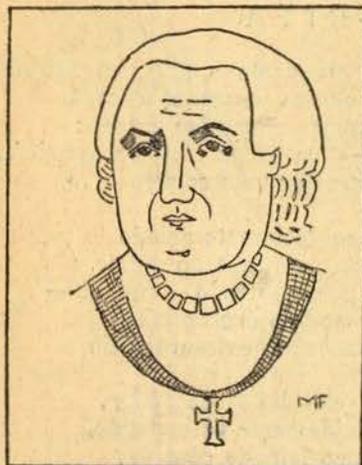
Se tens imaginação, — tu facilmente imaginas

(Continua na página 7)



# CONCURSO: -Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



88

Foi o primeiro Intendente  
Da Polficia de Lisboa  
E fez medidas tão certas  
Que o seu nome inda hoje sôa.

Fez tudo quanto possível  
Para o bem estar da cidade,  
Só estando bem havendo  
Sossêgo e tranqüilidade.

Não tinham, então, as ruas  
Nenhuma iluminação  
E logo êle mandou pôr  
Em cada esquina um lampeão.

Severo para os malvados,  
Era olhado com terror.  
Por todos quantos viviam  
A espalhar o luto e a dôr.

For esta nobre figura  
Ninguém indiferente fique,  
Pois Lisboa muito deve  
Ao grande



89

Diplomata talentoso  
Fez trabalhos sem igual,  
Para impôr no estrangeiro  
O nome de Portugal.

Estando em lutas o reino,  
Pois D Miguel pretendia  
Tirar o trono à sobrinha  
Segunda D. Maria,

Êle a fez ser recebida  
Na famosa côrte inglêsa,  
Como a autêntica rainha  
Desta terra portugûesa.

Fez com que nessa menina,  
De um aspecto angelical,  
Fôsse visto e respeitado  
Todo o nosso Portugal.

Fez ver a todo o estrangeiro  
Ser a rainha só ela.  
Êste diplomata ilustre  
Foi o



90

Quando a nossa terra andava  
Em luta sem ter quartel,  
Pois desejava ser rei  
O Infante D. Miguel.

Houve um homem, entre todos,  
Que muito se evidenciou  
Em feitos de valentia  
Que sem cessar praticou.

Defensor fogado e ardente  
Do partido liberal,  
Muito fez para o impôr  
Nas terras de Portugal.

E depois de em muitos lados  
Ter conseguido vencer,  
Destroçou os miguelistas  
Na batalha de Almoester.

E' que quási o seu ardor  
Tornava a batalha ganha.  
Êste militar valente  
Foi o

## BRINQUEDOS — (Continuação da página 5)

quanto queiras — pensa, então,  
que, lá dentro dele, vão  
dos teus olhos as meninas,

Vê, sob aquela varanda,  
um regimento a passar,

levando a tocar a banda...  
e nota bem que êste anda,  
não tem corda o do Bazar!

Tantos brinquedos!... Foi Deus  
que te quiz apresentar

e t'os envia dos céus.  
Tantos brinquedos!... São teus,  
podes com êles brincar!

# Hora de Recreio

Número 24  
2.º CAMPIONATO

## Secção Charadística

4 NOVEMBRO  
1 9 3 7

### RESULTADOS DO N.º 18

#### DECIFRAÇÕES

1 — Lampreia, sardinha, salmão, pepino, laranja, marmelo, papagaio, pingüim e pombo. *Solução do conceito:* «Pim-Pam-Pum»; 2 — Quasimodo; 3 — Melado; 4 — Reclamar; 5 — Pavo; 6 — Monada; 7 — Ex-abrupto; 8 — Lépidoleto; 9 — Elevo-evo; 10 — Sobreiro-soro; 11 — Tipota-tia; 12 — Canto; 13 — Vila Velha de Rodão; 14 — *Nem tudo que luz é ouro.*

#### PRODUTORES

#### QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 14 — Tomigas — 9 votos  
N.º 2 — Sob-Chavana — 5 votos

N.º 6 de «São João» e n.º 9. de «Pirucasa», 4 votos cada; n.º 11 e 12 3 cada; n.º 7 e 8, 2, cada; n.º 4, 1.

#### DECIFRADORES

#### QUADRO DE HONRA

Maridália, Pimpim, Pacatinha, Tomigas, Carlos Martins Figueiredo, Armandino, Rocardito, Adriano Reis, Necas L. Mano, Tivore e Martos. *(Totalistas)*

#### QUADRO DE MERITO

Vfr Bonus, 13; António Freire, Jorge Pereira, Alfredo Matos Boavida, José Antunes Baptista, Nélio Arita e Renato Rodrigo Paulo, 12; Artur de Melo Cabral, Pipocas e Carlos F. Cotter Moreira, 11; Tacos, Far, Armando Garcia Felix e Américo B. Fernandes, 10; Crisante Taborda, Homem-Sombra e Zé Fernando 8; Pirolito, D. Bibas, Bonina, Delca e Maria Alice Botelho Moniz, 7.

Armando Jorge, 6; Rex e Recem, 5; Zé, 3.

### CHARADAS

#### NOVISSIMAS

1 — *Aqui o projectil é de uma arte mágica...* — 1-2.

*Crisante Taborda*

2 — *Para mim é maior a afeição* — 1-1.

*D. Bibas*

3 — *O milionário teve um rombo na fortuna.* — 3-2.

*Dália de Jesus*

4 — *Por ser pacífico é que gosto desta cave.* — 3-2.

*Dr. Bigodes*

### CORRESPONDÊNCIA

*Armando Jorge* — Porque razão não haviam de fazer parte do campeonato desde que se publicaram? Não saíram mais por o espaço ser pouco!

*José Antunes Baptista* — Tem de esperar pela sua vez. Ainda agora vamos na letra D...

*Rico-Ema* — Só é permitido votar num ponto. Como tem procedido de modo contrário não tem sido incluído como decifrador.

*Zé Fernando* — Se não o incluímos no «Quadro» foi só devido a extravio. Como lhe podíamos contar pontos, ignorando se os decifrou?

*Pirolito* — A maneira como mandam as decifrações não é muito correcta. Daí ser fácil o extravio. Com particulas de bilhete postal não nos entendemos!

*Pacatinha* — A carta onde nos pedia a mudança de pseudónimo só agora, casualmente nos foi entregue. Contudo ser-lhe-ão contados os pontos decifrados desde que, quando estivermos prestes a publicar os resultados do campeonato que hoje termina, nos lembre que ambos os pseudónimos se referem ao mesmo concorrente. Quanto à sua inclusão nos

decifradores do n.º 15 é impossível, visto haverem mais concorrentes nas mesmas condições. E o regulamento tem que se respeitar...

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a: *Américo Taborda* — «Pim-Pam-Pum» — Rua do Século, 63 — LISBOA.

### NOGUES DE CHARADISMO

#### NOVISSIMAS

*(Continuação)*

A decifração pode ser também constituída por uma palavra composta, sendo suas parciais as palavras simples que a compõem. Ex.:

Rico + homem = rico-homem  
Porta + voz = porta-voz

A decomposição da palavra que se escolhe para decifração deve ser rigorosamente silábica, isto é, devem conservar-se intactas as sílabas.

Portanto, não é correcto: Mar+ido = marido; des+abar = desabar; escave+irado = escaveirado; gran+ate = granate; flor+ido = florido; cor+ar = corar; etc., etc..

Para se formar a frase onde deve estar encoberta a charada propriamente dita ou sejam essencialmente as palavras que a compõem, deve proceder-se ao seguinte:

1.º — Escolher um sinónimo ou significado das palavras que, reunidas, constituam a decifração. Proceder de igual modo para esta.

2.º — Distribuir pela frase os termos escolhidos e pela sua ordem.

Exemplificando, escolhemos a palavra *capacidade*, que será a decifração. Decompondo-a noutras, o mais simplesmente possível e sem deturpação de sílaba alguma, surge-nos: *cava e cidade*.

Consultando ambos os termos em qualquer dicionário da língua, o de Fonseca e Roquette, por exemplo vemos: *cobertura* como sinónimo de *cava*; *povoação* (*superior a vila*) significado de *cidade*.

*(Continua)*

## FALAM OS ANIMAIS

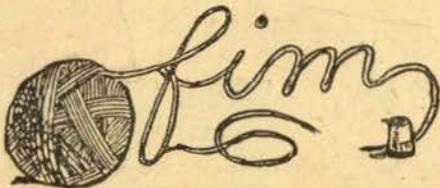
*(Continuado da pág. 2)*

dos outros, a marchar...» — Aqui, o trocista do galo, às pernas, fingia andar como os soldados.

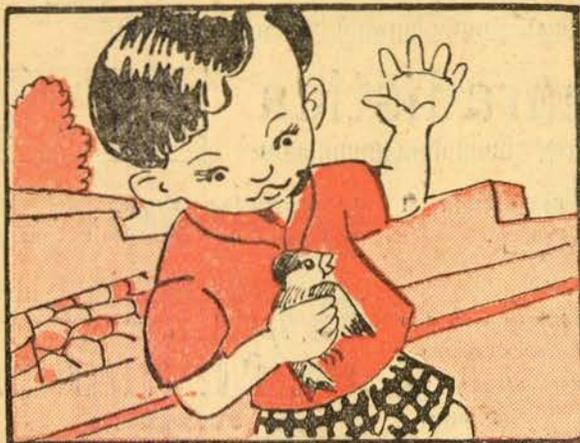
Toda a capoeira julgou morrer a rir. Os próprios porcos saíram do seu sério e grunhiram, divertidos.

Mas um *có-có-ró-có* magistral avisou-os que vinha gente.

Quando a caseira chegou, correndo, para ver o que queria dizer tamanha algazarra, tudo recaíra no silêncio costumado mas nunca a bicharia gozou, como nesse dia, em que tanto troçou do tanso do homem, seu escravo!



# O PINTASSILGO e a ZEBRA



I — Zezinho, com a sua ratoeira, apanhou um pardal e foi pô-lo numa gaiola.



II — Para enganar o primo Juca, que era um grande espertalhão, pintou de encarnado o bico do pardal e, dando-lhe nas asas umas risquinhas amarelas e vermelhas, apresentou-o como um pintassilgo.



III — Mas Juca, que era difícil de enganar, fingiu que acreditou e, no dia seguinte, pintando às riscas o seu burrinho, apresentou-o ao Zezinho.



IV — como sendo uma zebra. E o tanso do Zezinho acreditou!

## O SENHOR LUCAS *Continuado da pág. 4)*

disse logo, muito enfatuado, o senhor Lucas.

O amigo Felisberto como sabia que era mentira, porque o senhor Lucas nunca saíra de Lisboa senão para ir até Algés, perguntou-lhe:

— «Então, qual é capital da Holanda?»

Os indivíduos da mesa vizinha, que estavam ouvindo a conversa e a achar-lhe graça, assopraram-lhe:

— «Paris...»

Mas os da mesa da frente, assopravam também:

— «Berlim...»

E os da mesa de trás, assopravam, igualmente, um nome:

— «Londres...»

O senhor Lucas, muito atrapalhado, sem saber como se salvar, respondeu:

— «Há muitas opiniões sobre a capital da Holanda, e não se sabe bem, ao certo, porque as opiniões são tão contraditórias...»

Quando todos sossegaram da formidável crise de riso que os acometeu,

continuaram a trocar do senhor Lucas e disseram-lhe:

— «V. Ex.<sup>a</sup>, pelo que se vê, conhece a palmas a geografia?»

— «Oh! Como a palma das minhas mãos» — respondeu ele, todo emperdigado.

— «E conhece, também, decerto, a astronomia?» — perguntou-lhe outro.

— «E a zoologia? E a filosofia? E a geologia?» — perguntavam todos em côro.

— «Perfeitamente... perfeitamente...» respondia o senhor Lucas.

Por último, houve um que lhe observou:

— «A mim o que me parece, é que em «imbecilografia» ninguém leva a palma a V. Ex.<sup>a</sup>...».

— «Não admira — (respondeu importantíssimo o senhor Lucas) — Tenho o curso completo...».

O senhor Lucas nem mesmo assim percebeu que lhe estavam a chamar imbecil.



**FIM**